



<http://dx.doi.org/10.15448/1984-6746.2024.1.44912>

SEÇÃO: EPISTEMOLOGIA E FILOSOFIA DA LINGUAGEM

Substância, inerência e a regressão de Bradley

Substance, Inherence and Bradley's regress

Sustancia, inherencia y regresión de Bradley

Rodrigo Alexandre de Figueiredo¹

orcid.org/0000-0002-7050-3442
rodrigofigueiredo3@gmail.com

Recebido: 04 jul. 2023.

Aprovado: 20 abr. 2024.

Publicado: 30 jul. 2024.

Resumo: Neste artigo, busco argumentar que uma teoria ontológica que postula substâncias e modos das substâncias como entidades fundamentais está apta a responder o problema da predicção sem estar sujeita a regressões infinitas, particularmente, a regressão de Bradley. Isso é feito a partir de uma estratégia para barrar essa regressão, a estratégia da relação interna – que toma a inerência, a relação que se dá entre substâncias e modos, como uma relação interna, em oposição às ditas “relações externas”. A estratégia é acusada de ser circular, mas o meu objetivo é mostrar que ela não é viciosamente circular.

Palavras chave: substância; inerência; modos; regressão de Bradley; relações internas.

Abstract: The article argues that an ontological theory that posits substances and modes of substances as fundamental entities can address the problem of predication without being subject to infinite regressions, particularly Bradley's regress. This task is accomplished through a strategy to block this regression, the strategy of internal relation – which takes inherence, the relation between substances and modes, as an internal relation, as opposed to so-called “external relations.” The strategy is criticized for circularity, but the text shows it is not viciously circular.

Keywords: substance; inherence; modes; Bradley's regress; internal relations

Resumen: En este artículo busco argumentar que una teoría ontológica que postula sustancias y modos de sustancias como entidades fundamentales es capaz de responder al problema de la predicación sin estar sujeta a regresiones infinitas, particularmente la regresión de Bradley. Esto se hace a partir de una estrategia para detener esta regresión, la estrategia de la relación interna – que toma la inherencia, la relación que se da entre sustancias y modos, como una relación interna, en contraposición a las llamadas “relaciones externas”. Se acusa a la estrategia de ser circular, pero mi objetivo es dar razones para pensar que no es viciosamente circular.

Palabras clave: sustancia; inherencia; modos; regresión de Bradley; relaciones internas.

1 O problema da predicção

O problema dos universais pode ser visto como um conjunto de problemas relacionados à natureza dos atributos – propriedades, relações e tipos naturais – e como tais atributos se relacionam com os seus portadores. Entre esses problemas se encontra o problema da predicção visto, não como um problema linguístico como o termo “predicção” pode sugerir, mas como um problema metafísico sobre a natureza dessas



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

¹ Faculdade Dom Luciano Mendes, Mariana, MG, Brasil.

predicações. Em um sentido mínimo, o que se requer é uma análise da predicação no sentido de explicar em virtude de que um determinado indivíduo a é F (Fa), ou um determinado indivíduo a é G (Ga), ou ainda um determinado indivíduo b é F (Fb), etc. Ou, em outros termos, explicar fatos como o de que um indivíduo como Sócrates é sábio e grego, e Aristóteles é sábio².

Há uma ampla diversidade de teorias que buscam resolver e, por vezes, dissolver o problema da predicação. Entre elas temos o chamado "nominalismo avestruz" e o seu descendente, o nominalismo de prioridade³. Entre os defensores do nominalismo avestruz estão Quine (1953) e Devitt (1980). O nominalismo de prioridade é defendido por Imaguire (2018). Ambas as posições buscam solucionar o problema da predicação tomando as predicações como primitivas, de modo a eliminar o problema. Ambas as posições partem da ideia de que em predicações como Fa , Ga e Fb , estamos comprometidos apenas com a existência de particulares a e b , mas não com a existência das propriedades F e G . Ou como no outro exemplo, em predicações expressas por "Sócrates é sábio e grego" e "Aristóteles é sábio", estamos comprometidos com a existência de Sócrates e Aristóteles, mas não com a existência de propriedades como as de ser sábio e ser grego. Ambas as posições entendem que a existência deve ser compreendida à moda da lógica de predicados de primeira ordem: afirmamos que um determinado indivíduo x existe (x), mas não que uma determinada propriedade F existe (F). A principal diferença entre essas duas teorias é o fato de que o nominalismo de prioridade faz uso da noção de fundação metafísica (metaphysical grounding) na tentativa de determinar que as predicações são primitivas e fundamentais, enquanto o nominalismo avestruz não utiliza tal noção.

Acredito que o nominalismo de prioridade também leva mais a sério a investigação metafísica e, assim, se estamos interessados nesse tipo de discussões, essa teoria merece a nossa atenção. Mas para o que é relevante aqui, não faz muita diferença os dois tipos de teorias nominalistas. Assim, para simplificar, farei referência a ambas as teorias apenas como "nominalismo avestruz".

O ponto aqui é o seguinte: o principal argumento a favor do nominalismo avestruz é o fato de que as teorias concorrentes, aquelas que buscam analisar as predicações em termos de entidades mais básicas, estão sujeitas a regressões infinitas viciosas, como a regressão de Bradley; ao passo que o nominalismo avestruz é imune a esse tipo de problema. Os avestruzes, assim, convidam-nos a ignorar qualquer pretensão de análise das predicações, tomando-as como primitivas e envolvendo apenas a existência de indivíduos. Contudo, há diversas teorias contemporâneas que buscam fazer uma análise de fatos como Fa , Ga e Fb em termos de entidades mais básicas. Imaguire (2018, 52), como um bom avestruz, argumenta que todas essas teorias, inexoravelmente, estarão sujeitas a regressões infinitas viciosas, motivo pelo qual as análises propostas nunca são completas, havendo sempre um novo fato que precisa de uma análise posterior. Imaguire nos mostra que tanto teorias realistas quanto teorias nominalistas sobre universais estão sujeitas a tais regressões. E dado que tais regressões são viciosas, ele nos aconselha a abandonar as teorias em questão.

As regressões infinitas remontam a Platão no diálogo *Parmênides*, no qual temos uma amostra de como a teoria das formas está sujeita a regressões infinitas – a teoria das formas platônica é sem dúvida uma alternativa teórica ao problema da predicação e ao problema dos universais. Uma versão mais moderna dessas regressões foi

² Lembro aqui que muitos filósofos podem recusar que ser sábio e ser grego sejam propriedades genuínas dos indivíduos. Mas não gostaria de entrar nessa discussão aqui. Acredito que essa é uma questão interessante que precisa ser debatida, entretanto acredito também que ela não é diretamente relevante para a questão que estou tratando.

³ A alcunha "nominalismo avestruz" foi dada por David Armstrong (1978) à teoria defendida por Quine no artigo "On What There is" (1953). A metáfora é a seguinte. Supostamente, quando um avestruz afunda a cabeça em um buraco no chão, busca esconder-se de predadores evitando ver o mundo à sua volta; um nominalista avestruz, por sua vez, busca evitar ver o mundo à sua volta e reconhecer que há um problema relacionado às predicações que precisa ser resolvido, e não simplesmente ignorado. Em todo caso, a metáfora é injusta com os avestruzes, na medida em que eles, quando fazem o gesto de afundar as cabeças em buracos no chão, estão apenas comendo pedras para ajudar na digestão, e não se escondendo de predadores de uma forma absurda e ineficaz.

colocada por Bradley⁴ (1897), na qual me concentrei. Buscarei logo na sequência explicitar qual é a análise proposta por uma teoria que postula substâncias e modos como uma solução para a análise da predicação. Posteriormente, veremos de que maneira esta teoria está sujeita à regressão de Bradley. Por fim, busco argumentar que a teoria evita o problema assumindo uma circularidade não viciosa. Deste modo, fornecemos uma resposta, mesmo que parcial, ao questionamento colocado pelo nominalismo avestruz.

2 A análise da predicação em termos de substâncias e modos particulares

O objetivo aqui é mostrar que uma teoria que postula certos tipos de entidades (substâncias e modos particulares) tem meios de fornecer uma resposta ao problema da predicação e evitar o problema da regressão infinita de Bradley. Não quero defender diretamente a teoria, mas se ela é capaz de fazer essas duas coisas, temos em mãos um argumento indireto a favor dela.

A teoria que será pressuposta tem elementos de duas teorias historicamente relevantes sobre as substâncias materiais, uma teoria de inspiração aristotélica, para a qual uma substância é uma entidade fundamental e irreduzível a outros tipos de entidades, e uma teoria dos substratos, segundo a qual uma substância é redutível a um substrato, entendido como uma entidade sem propriedades e que é o sustentáculo das propriedades, e propriedades que são ineridas ao substrato – a substância, no caso, seria o estado de coisas formado pelo substrato e as propriedades unidos pela relação de inerência. A teoria que gostaria de supor aqui entende que há algo como uma substância primitiva e não redutível a estados de coisas como os da teoria dos substratos. Entretanto propriedades ineridas à substância são ineridas em virtude de certas disposições fundamentais dessa substância primitiva. Assim, seria algo como uma teoria dos

substratos sem a suposição inconveniente de que os substratos não têm quaisquer propriedades – ele tem de ter pelo menos certas disposições fundamentais para que ocorra a inerência de propriedades, sendo essas disposições um tipo de propriedade. Em outras palavras, a diferença da teoria da substância aqui pressuposta para a teoria dos substratos é que ela define a substância como uma entidade na qual as propriedades inerem, sem pressupor como na teoria dos substratos, que o sujeito da inerência possa existir sem qualquer propriedade. De acordo com Hoffman e Rosenkranz (1994, p. 52), podemos interpretar Descartes como defensor de uma teoria da substância desse tipo na seguinte passagem: "Substância. Este termo se aplica a todas as coisas em que reside imediatamente o que percebemos, como em um sujeito, ou a tudo por meio do qual existe o que percebemos" (DESCARTES, 1984, p. 114).

Independente da coerência da teoria esboçada, se postulamos a existência de dois tipos de entidades fundamentais, substâncias e modos particulares (tropos), podemos buscar analisar o fenômeno de uma predicação como Fa em termos destas entidades. Grosso modo, a análise da predicação seria algo como:

(1) Fa

(2) Inerência a, F

Onde a é uma substância no sentido acima esboçado e F é um modo particular que inere à substância a .

A resposta ao problema da predicação é justamente afirmar que um fato como Fa tem por fundamento uma relação ontológica de inerência entre dois tipos de entidades, as substâncias e os modos particulares das substâncias. Assim, poderíamos dizer que o que explica o fato de que Sócrates é sábio é a relação de inerência que há entre a substância Sócrates e o modo particular seu, a sabedoria de Sócrates. Entre várias van-

⁴ A regressão em questão se encontra na obra *Appearance and Reality* (1893/1930). A obra, como o nome sugere, é dividida em duas partes. A primeira delas, mais breve, é intitulada "aparência". Nela Bradley busca mostrar que muitas das ideias por meio das quais buscamos compreender o universo nos levam a contradições e incoerências, quando começamos a pensar no que implicam essas ideias. Entre as ideias está justamente a noção de relação, contra a qual Bradley lança o seu ataque com a famosa regressão que leva o seu nome. Na segunda parte da obra, intitulada "realidade", Bradley procura articular um tratamento positivo da noção de absoluto.

tagens de postularmos dois tipos de entidades como a substância e seus modos, temos o fato de podermos explicar facilmente a mudança em um particular concreto: explicar o fato de que a é F em t^1 e não é F em t^2 . A explicação é o fato de que um modo inere a uma substância em um momento do tempo t^1 , e não inere à substância em um momento posterior t^2 – presumivelmente algum outro modo inere à substância em t^2 . Aqui explicamos o que acontece na substância quando esta sofre mudança.

Perceba que as três "coisas" envolvidas no exemplo acima são particulares: a substância a , o modo F e a relação ontológica de inerência⁵ – para cada caso de inerência de um modo, podemos dizer que há uma relação de inerência particular – como quando temos G inerido à substância a . Isso é relevante na medida em que não podemos acusar a teoria de estar postulando um universal para relacionar substâncias e modos. Esta ideia é presa fácil de uma regressão infinita ingênua. Se a relação de inerência é universal, somos obrigados a explicar a relação entre substâncias, modos e essa relação universal. Desta forma, teríamos de postular uma nova relação que fosse capaz de relacionar todas aquelas entidades. Talvez uma relação ontológica de exemplificação? Essa relação deve ser apta a relacionar particulares (substâncias e modos) e universais (a relação de inerência). Mas assim teríamos um novo fato a ser explicado, o fato de a substância, o modo e a inerência estarem numa relação de exemplificação. E assim, a cada passo que damos em direção à explicação, temos um novo fato que precisa ser explicado.

3 A regressão de Bradley

A regressão de Bradley é mais geral, pois vale para relações mesmo que tomadas como particulares. Assim, se consideramos a relação de inerência como sendo uma relação externa, somos levados à regressão infinita de Bradley. A distinção entre relações externas e internas pode ser colocada intuitivamente do seguinte modo. Uma relação como a é mais alto que b é interna na medida em que depende da natureza de a e b , especificamente, da altura de a e b . Mas a relação de a estar ao lado de b não depende da natureza de a e b , de modo que é uma relação externa. Pensa-se que as relações internas não adicionam entidades à nossa ontologia, enquanto as relações externas sim.

A regressão de Bradley, que se segue apenas se pressupormos a inerência como uma relação externa, pode ser colocada do seguinte modo⁶:

- (1) Fa
- (2) Inerência¹ a, F
- (3) Inerência² $a, F, \text{inerência}^1$
- (4) Inerência³ $a, F, \text{inerência}^1, \text{inerência}^2$

No passo (1) temos o fato que queremos explicar, o fato Fa . No passo (2) temos a explicação proposta pela teoria em termos da inerência¹ do modo F pela substância a . No passo (3) temos o começo da regressão infinita, no qual temos de postular uma segunda relação, a relação de inerência², para explicar o fato de que a e F estão na relação de inerência¹. E assim sucessivamente. Um nominalista avestruz diria que a regressão já começa no passo (2). Seja como for, a regressão

⁵ A inerência pode ser tomada como particular no sentido em que cada relação de inerência entre uma substância e um modo particular seria uma relação numericamente distinta: a relação de inerência entre uma substância a e um modo particular F (Fa) seria numericamente distinta da inerência entre a substância b e um modo particular F (Fb). Obviamente, podemos falar da relação de inerência de um modo geral, e parece haver uma identidade qualitativa entre todas as relações de inerência particulares. Há duas maneiras de tratar a identidade qualitativa da relação de inerência. Por um lado, uma teoria nominalista dos tropos pode afirmar que todas as relações de inerência são relações qualitativamente idênticas na medida em que formam uma classe natural de relações de inerência, ou que há uma relação de semelhança primitiva entre todas as instâncias da relação de inerência. Dessa forma, o nominalismo dos tropos evita falar da identidade qualitativa de relações de inerência em termos de entidades universais. A opção à teoria dos tropos seria uma teoria realista dos universais, que poderia tomar cada relação de inerência como sendo uma relação particular, mas que todas essas relações são instâncias de uma relação universal de inerência. Parece que quando queremos dizer que uma teoria ontológica que toma a inerência como particular se aplica universalmente, temos em mente uma noção inerência enquanto qualitativamente idêntica – não importando inicialmente qual o tratamento daremos à noção de identidade qualitativa da relação em questão. Sendo assim, podemos dizermos que a teoria da inerência (enquanto entidades qualitativamente idênticas) se aplica universalmente aos casos particulares de uma propriedade inerida a uma substância (as relações de inerência entendidas como numericamente distintas), como em Fa, Fb , etc.

⁶ Esta é a forma como Imaguire (2018, p. 55-8) levanta o problema relacionado a outras teorias. Ele não discute a alternativa que estou explorando, mas o problema é facilmente adaptado a ela.

é viciosa na medida em que a cada passo temos um novo fato a ser analisado, de modo que a análise não chega ao fim. Quando afirmamos que uma regressão é viciosa, queremos dizer que ela envolve a aceitação de uma consequência absurda. No caso em questão, a consequência absurda que temos de aceitar é a de que dado que analisamos aquelas predicacões, somos levados a novas predicacões, que por sua vez também precisam ser analisadas. Ao darmos o primeiro passo na cadeia de predicacões, que é afirmar (2), não teríamos como impedir o surgimento de novas predicacões que precisam ser analisadas. Sendo assim, a suposição inicial de que há uma relação de inerência entre dois tipos de entidades leva a uma consequência absurda, e que pode ser evitada afirmando que não há relações de inerência entre dois tipos de entidades. E é justamente isso que o nominalismo avestruz faz: só podemos afirmar que existe indivíduos, mas não propriedades e relações.

Há diversas estratégias para buscarmos bloquear a regressão infinita de Bradley. Eu não gostaria de entrar em detalhes sobre cada uma das estratégias. Gostaria, no entanto, de abordar uma estratégia que considero promissora tendo em vista bloquear a regressão infinita levantada contra a teoria que postula substâncias e modos. A estratégia busca tomar a relação de inerência como uma relação interna, ao invés de uma relação externa. Isso quer dizer que não temos que tomar tal relação como sendo algo adicional à nossa ontologia – ela seria o nosso famigerado almoço grátis ontológico.

4 A estratégia da relação interna

A estratégia da relação interna, como dito, é uma forma de bloquear a regressão infinita de Bradley. O objetivo aqui é, através dessa estratégia, mostrar que a regressão em questão pode ser evitada em uma ontologia de substâncias e modos particulares. Quando dizemos que a relação de inerência é interna, queremos dizer, de um modo geral, que F inere à substância a dada a natureza de a e F ; nesse caso, teríamos uma relação interna entre essas duas entidades,

que se dá em virtude das características dessas entidades. No entanto, essa caracterização da relação interna requer mais precisão. Mas ao buscarmos uma caracterização mais precisa sobre o que seria a natureza dessas entidades, nos deparamos com um problema: vamos de alguma forma fazer referência a entidades da mesma natureza que - ou semelhantes a - F . Essa objeção é levantada por Imaguire (2018, p. 69).

Dizemos que uma relação externa se funda na natureza dos objetos, ou substâncias; a minha ideia é dizer que a natureza de uma substância, considerada independentemente de seus atributos comuns, se funda nas disposições fundamentais exibidas pela substância. Essas disposições são aquilo que permite a um atributo inerir a uma substância. Um exemplo de uma disposição fundamental exibida por uma substância seria o seguinte: a sabedoria de Sócrates inere a Sócrates, mas a sabedoria somente inere a Sócrates na medida em que ele é uma substância que tem a disposição de ter inerida a si uma propriedade como a da sabedoria, assim como também tem a disposição de não a ter inerida. Uma coisa é uma substância ter uma disposição fundamental e outra coisa é ela atualizar essa disposição e efetivamente ter inerida a si a propriedade em questão. Uma substância como Sócrates não tinha inerido a si a sua sabedoria quando criança, mas tinha essa disposição, que foi efetivada na medida em que houve condições no mundo que acarretaram a inerência dessa propriedade em Sócrates. As disposições fundamentais são o que possibilitam a uma substância ter uma determinada propriedade inerida a si em um momento do tempo, e não a ter inerida em outro dado momento. (Arrisco-me afirmar que a grande maioria das propriedades que percebemos nos indivíduos são manifestações de disposições fundamentais. Por exemplo, a humanidade de Sócrates parece uma manifestação de várias propriedades do DNA de Sócrates. No caso, podemos dizer que a humanidade de Sócrates é uma disposição manifestada das propriedades do DNA de Sócrates – concedam aqui que "humanidade" seja o mesmo que "espécie humana",

identificação que pode ser contestada).

Quero, portanto, associar a noção de relação interna à noção de disposição fundamental. Sendo assim, afirmo que uma substância como Sócrates tem uma certa disposição fundamental de ter propriedades ineridas a si. Se assim o fizermos, estamos bloqueando a regressão no passo (2), mas ao custo de dar uma explicação circular, uma vez que os modos e as disposições fundamentais são igualmente propriedades.

Contudo, essas disposições não podem ser entendidas como modos quaisquer, mas com características irreduzíveis e fundamentais das substâncias, enquanto os demais modos teriam uma existência enquanto ineridos às substâncias. Uma disposição da substância é primitiva, como a substância num todo é. Contudo, as substâncias não são sequer concebíveis sem pressupormos algumas disposições suas; isto não é um argumento decisivo a favor dessas disposições, mas o fato de não podermos conceber as substâncias sem essas características é algo epistemicamente relevante, e demarca um limite sobre o que podemos dizer sobre essas entidades. Pense a substância sem quaisquer de seus modos, resta ainda a disposição fundamental de ter certos tipos de modos ineridos a si, ou de ser o sustentáculo de modos, entre outras. Assim, quero concluir que há características da substância que não são passíveis de serem pensadas separadamente da substância e que constituem a sua própria carnadura; mas que ao mesmo tempo não podem ser objetos de uma análise, tendo que ser tomadas como primitivas e fundamentais.

De acordo com o dito acima, uma conclusão adicional que se pode avançar é a de que não há substratos nus – um suporte para as propriedades que não tem propriedades. Algumas disposições não são elimináveis da substância, e tornam possível que ela seja um suporte de propriedades – ou “modos”, como tenho preferido dizer.

Essa análise parece circular na medida em que estamos explicando a inerência de modos em termos de disposições fundamentais da substância, mas essas disposições são na verdade um tipo especial de modos das substâncias – um modo

irreduzível e primitivo. A pergunta que fica é: será viciosa a circularidade aí envolvida?

5 Dois tipos de circularidades

Há uma distinção entre dois tipos de circularidades, a circularidade de premissa e circularidade de regra. A circularidade de premissa ocorre quando a conclusão de um argumento está entre as premissas do argumento. Por exemplo, se queremos argumentar a favor de P e usamos P como premissa do argumento, estamos incorrendo na circularidade de premissa. Outro tipo de circularidade é a circularidade de regra. A ideia é a de que podemos chegar à conclusão de que certa regra é confiável usando essa mesma regra de inferência (Papineau, 1992, p. 14). Segundo Psillos (1999, p. 79), de uma forma mais geral, um argumento a favor da confiabilidade de uma regra R que essencialmente depende de R como um princípio de inferência não é vicioso, dado que o uso de R não garante a conclusão sobre a confiabilidade – a ideia de que a regra é confiável não consta como uma premissa do argumento. Um exemplo dado por Psillos de circularidade de regra seria quando usamos a forma argumentativa PP , não para provar a proposição P , mas para mostrar que qualquer proposição é uma consequência lógica de si mesma.

A distinção entre circularidade de premissa e de regra se dá em um contexto de discussão sobre o problema da indução, uma vez que um argumento a favor da confiabilidade da indução ele próprio é uma indução. Mas a acusação de circularidade que está sendo tratada não recai sobre um argumento, mas sobre uma análise. Sendo assim, temos de alguma forma adaptar a discussão àquela que está sendo empreendida aqui. Desta forma, proponho a seguinte análise para a inerência de um modo F em uma substância α .

- (i) Quando temos um estado de coisas atual ou fato $F\alpha$, temos o modo F inerindo a uma substância α .

(ii) Quando temos F inerindo à substância a , temos uma relação interna entre a substância a e o modo F .

(iii) A relação é interna na medida em que se dá em virtude das disposições fundamentais das entidades envolvidas, em especial da substância a .

Isso quer dizer que há uma relação que é redutível à natureza de a e F , e a natureza de a inclui a sua disposição fundamental de ter inerido a si o modo F . Mas como visto, uma disposição fundamental é de alguma maneira um modo semelhante a F . Um ponto a se notar é que não temos exatamente um argumento, mas uma análise de um determinado estado de coisas. Como identificar esse caso a uma circularidade de regra?

Aquilo que se quer mostrar com a análise de (i) a (iii) é que se uma determinada substância tem uma determinada propriedade particular, tem de haver uma disposição fundamental da substância de ter inerida a si essa propriedade. Aqui temos uma espécie de regra⁷ ontológica que estabelece de que maneira certas propriedades inerem às substâncias. É a base dessa capacidade é a existência de disposições fundamentais da substância, que permite modos como F , G e outros, estarem ineridos a ela. Além disso, não foi mencionado em (i) e (ii) da análise qualquer referência a disposições fundamentais, sendo referida apenas em (iii), o que corrobora o fato de a circularidade não ser viciosa. Se a circularidade fosse de premissa, portanto, viciosa, a ideia de que há disposições fundamentais deveria estar pressuposta nas afirmações (i) e (ii), e não apenas em (iii) – recorde exemplos desse tipo de circularidade como PP. Além disso, se a circularidade fosse de premissa, dado que aceitamos (i) e (ii), deveríamos aceitar também (iii), mas objeções que podem ser levantadas à análise mostram que pode haver desacordo sobre se (iii) fornece a análise adequada ao fato inicial. E isso nos mostra

que não está envolvida aí uma circularidade de premissa.

Se aceitamos o que foi argumentado, devemos tomar como primitiva e não analisável a substâncias e suas disposições fundamentais. Neste sentido, em vez de tomarmos como fundamentais e irreduzíveis todas as predicções relevantes, como busca fazer o nominalismo de prioridade, estou admitindo como irreduzíveis e fundamentais apenas predicções que envolvem as disposições fundamentais. Quando consideramos essas predicções, estamos comprometidos apenas com a existência da substância a como afirmaria o nominalismo de prioridade. Essas disposições são tais que a própria noção de substância as pressupõem, de forma que os fatos envolvendo as substâncias e as suas disposições fundamentais têm de ser vistas como primitivos, não analisáveis e fundamentais.

Dessa forma, o ponto de vista aqui defendido está em parte de acordo com o nominalismo de prioridade, pois toma alguns fatos como sendo primitivos e fundamentais, não sendo analisáveis em termos de entidades mais básicas. Entretanto diverge com esses nominalistas na medida em que não toma todos os fatos como primitivos e fundamentais, mas somente aqueles que envolvem as disposições fundamentais e as substâncias. Essas disposições se dão pela própria existência de uma substância que depende, de maneira 'fraca', de ter a si ineridos alguns tipos de modos.

Portanto, temos meios de interpretar o que a teoria diz sobre a inerência de modos a uma substância como sendo circular, mas não viciosamente circular. Ao fazemos isso, estamos dando uma resposta parcial ao desafio do nominalista avestruz, na medida em que estabelecemos uma maneira de barrar a regressão de Bradley. Mas provavelmente esses nominalistas não ficarão totalmente satisfeitos com a resposta, dado que ainda temos uma estratégia circular em regra para

⁷ O termo "regra" está sendo utilizado aqui em um sentido lato. De acordo com esse sentido, há regras de diversas ordens: regras de jogos, regras matemáticas e lógicas, regras de convivência, etc. Nesse mesmo sentido lato de "regra", poderíamos incluir leis da natureza como algum tipo de regra natural, e mesmo estender a noção de regras ao domínio da ontologia, como busquei fazer. Isso pode gerar algum desconforto quanto à precisão do termo utilizado. Mas espero que esse uso do termo possa ser concedido sem grande prejuízo ao que se tem argumentado.

barrar a regressão. No entanto, se a resposta é de fato não viciosamente circular, acredito que estaremos aptos a fazer análises metafísicas mais simples e profundas do que aquelas propostas por filósofos daquela estirpe.

6 Duas objeções

Há duas objeções importantes ao que foi aqui defendido⁸. A primeira delas é a ideia de que ao postularmos disposições fundamentais estamos postulando entidades obscuras e, portanto, não temos motivos para postulá-las. A resposta a essa objeção é afirmar que nem sempre uma análise se dá em termos de entidades menos obscuras, mas sim em termos de entidades irreduzíveis a entidades mais básicas. Sendo assim, não afirmo que as disposições fundamentais sejam entidades transparentes e completamente compreensíveis. Todavia são entidades que precisamos admitir em nossa ontologia que, no entanto, não parece possível propor uma análise posterior dessas entidades, seja em termos de entidades obscuras ou não. Cabe aqui uma analogia: quando os físicos buscam analisar a matéria em termos de partículas mais básicas e fundamentais, o objetivo deles não pode ser o de analisar em termos de entidades não obscuras pois, obviamente, partículas como elétrons e quarks não são mais compreensíveis e menos obscuras do que os objetos físicos que elas compõem. Pelo contrário, elas servem em grande parte para nos ajudar a prever o comportamento do mundo observável. Além disso, afirmar que os próprios objetos físicos, ou substâncias, não são passíveis de análise posterior, como é feito pelo nominalista avestruz e de prioridade, apenas nos recusamos a enfrentar os mistérios envolvendo a identidade de objetos físicos, tomando-os como primitivos e irreduzíveis, e ainda admitindo que essas entidades têm características, são de determinados modos. As entidades, em si mesmas, são obscuras e suficientemente incompreensíveis, apesar de ser inegável que existem e fazem parte da mobília do mundo. Dessa forma,

concluo que o fato de uma entidade ser obscura ou contraintuitiva não é um argumento decisivo para recusarmos que tal entidade exista ou que ela seja dispensável em uma ontologia.

A segunda objeção é a seguinte: se vamos tomar as disposições fundamentais como primitivas, porque não tomar as propriedades simples como F como primitivas? Não faria assim sentido postularmos disposições fundamentais dado que não precisamos analisar as predicções do tipo Fa , Fb , etc. A resposta aqui passa pelo reconhecimento de uma divergência ideológica profunda entre a visão aqui defendida e aquela visão do nominalismo avestruz. Eu penso que uma explicação adequada da mudança em uma substância é mais bem articulada se postulamos também propriedades ou modos particulares ineridos a essas substâncias em determinados momentos do tempo. Além disso, há diversos outros tópicos que podemos fornecer um tratamento se reconhecemos que os modos inerem às substâncias à maneira aqui defendida. O tópico sobre a causalidade, leis da natureza e sobre a natureza de mundos possíveis, entre outros tópicos. O nominalismo de prioridade defende que esses tópicos podem ser tratados sem que analisemos as predicções do tipo Fa , Fb , etc., sem o reconhecimento de duas categorias de entidades completamente distintas. Reconheço a divergência, mas acredito que uma resposta completa a ela exigiria muito mais do que gostaria de avançar neste artigo, cujo objetivo foi justamente mostrar que há uma opção viável para superarmos a regressão de Bradley em uma perspectiva que postula substâncias e modos particulares.

Conclusão

Procurei mostrar neste artigo que uma teoria que postula substâncias e modos particulares tem meios de barrar a regressão de Bradley em relação à análise da predicção. Isso é feito por meio da estratégia que toma a inerência de modos a uma substância como sendo uma relação

⁸ As duas objeções foram levantadas por Guido Imaguire.

interna. A estratégia é promissora, mas pode não ser aceita pelos nominalistas avestruz, na medida em que estabelece uma explicação da inerência de modos baseada em uma circularidade que acredito ser não viciosa.

Referências:

ARMSTRONG, D.M. *Nominalism and Realism: A Theory of Universals*. Cambridge: Cambridge University Press, 1978.

BRADLEY, F.H. *Appearance and Reality*, 2nd ed. London: Swan Sonnenschein & Co. Ltd., 1897.

DESCARTES, R. *The Philosophical Writings of Descartes*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

DEVITT, M. 'Ostrich Nominalism' or 'Mirage Realism'? *Pacific Philosophical Quarterly*, v. 61, 1980, p. 433-439.

HOFFMAN, J. e ROSENKRANZ, G. S. *Substance Among Other Categories*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

IMAGUIRE, G. *Priority Nominalism: Grounding Ostrich Nominalism as a Solution to the Problem of Universals*. Cham: Springer, 2018.

PAPINEAU, D. Reliabilism, induction and skepticism. *The Philosophical Quarterly* v. 42, nº 166, 1992, p.1-18.

PSILLOS, S. *Scientific Realism: How science tracks truth*. London: Routledge, 1999.

QUINE, W.V.O. *From a Logical Point of View*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1953.

Rodrigo Alexandre de Figueiredo

Possui graduação em filosofia pela Universidade Federal de Ouro Preto (2009), mestrado em filosofia (Lógica e Metafísica) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2012) e doutorado em filosofia (Lógica e Metafísica) pela mesma universidade (2017). Atualmente, é professor da Faculdade Dom Luciano Mendes. Tem experiência na área de metafísica analítica, com ênfase em ontologia, atuando principalmente nos seguintes temas: propriedades, universais, particulares e categorias ontológicas. Foi Bolsista da CAPES no Programa de Doutorado Sanduiche no Exterior (PDSE).

Endereço para correspondência

RODRIGO ALEXANDRE DE FIGUEIREDO

Rua Pandiá Calógeras, 98

Barra, 35400-000

Ouro Preto, MG, Brasil

Agradeço a Guido Imaguire pela leitura das versões iniciais do artigo e suas sugestões e objeções. Agradeço, também, aos três avaliadores anônimos pelas observações e correções.

Os textos deste artigo foram revisados pela Mais H Consultoria Linguística Internacional e submetidos para validação do autor antes da publicação.